

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES - EFPH**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**LUDIMILA NEVES DE CASTRO**

**UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO NA PERSPECTIVA DA**  
**HISTÓRIA DAS MULHERES**

**GOIÂNIA**  
**DEZEMBRO, 2021**

**LUDIMILA NEVES DE CASTRO**

**UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO NA PERSPECTIVA DA  
HISTÓRIA DAS MULHERES**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás como requisito para obtenção da  
graduação em Licenciatura em História.

Professora Orientadora: Dra. Lucia Helena Rincón Afonso

**GOIÂNIA**  
**DEZEMBRO, 2021**

### CIP - Catalogação na Publicação

N NEVES DE CASTRO, LUDIMILA  
UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO NA PERSPECTIVA DA  
HISTÓRIA DAS MULHERES / LUDIMILA NEVES DE CASTRO. -  
Rio de Janeiro, 2021.  
41 f.

Orientadora: Lucia Helena Rincon Afonso .  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto  
de História, Bacharel em História, 2021.

1. UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO NA PERSPECTIVA  
DA HISTÓRIA DAS MULHERES . I. Helena Rincon Afonso ,  
Lucia , orient. II. Título.

**LUDIMILA NEVES DE CASTRO**

**UMA ANALISE DO LIVRO DIDATICO NA PERSPECTIVA DA HISTORIA DAS  
MULHERES**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ para obtenção do  
título da graduação em Licenciatura em História.

**Banca Examinadora:**

---

Professora Dra. Lucia Helena Rincon Afonso - Orientadora

---

Professora Ms. Maria Madalena Queiroz - Examinadora Convidado

**GOIÂNIA  
DEZEMBRO, 2021**

*A Minha mãe Marilene, meu pai Luciano e meu esposo Maycon.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me permitir concluir esta etapa da minha vida.  
Aos meus professores. Em especial a Lucia Rincon pela a paciência e dedicação para comigo e meu projeto de pesquisa.

Aos meus familiares em especial meus pais, por sempre me incentivarem a prevalecer.

A todos os meus colegas.

*“O bom livro didático é aquele usado por um bom professor”*  
(CIRCE BITTENCOURT)

## RESUMO

CASTRO, Ludimila Neves. **Livro didático e história das mulheres**. Monografia, 2021. Curso de Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Goiânia, 2021.

O presente trabalho visa analisar a o livro didático do ensino fundamental, intitulado: História Sociedade e Cidadania do autor Alfredo Boulos Junior, e tem por objetivo aferir se na obra voltada a alunos do ensino fundamental existe a representação de figuras femininas, uma vez que a presença das mulheres na história foi marcante em diversos momentos, como na abolição da escravidão no Ceará com a participação de várias mulheres. Para tanto, utiliza-se do método dedutivo com a metodologia bibliográfica, baseando-se em artigos e obras de apoio. A busca por essas figuras femininas, se pauta no estudo acadêmico recebido na universidade, e parte a um comparativo, se as mulheres nos níveis fundamentais de ensino se veem representadas. Portanto, pode-se concluir que em diversos momentos a obra de Boulos carece de representatividade, cabendo ao professor suprimir essa necessidade e trazer mais informações aos alunos.

**Palavras-chave:** Livro didático; Alfredo Boulos; Mulheres; Representatividade.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 SOBRE A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO PARA COMBATE DA DESIGUALDADE DE GÊNERO.....</b>	<b>19</b>
2.1 A construção da narrativa feminina nos livros didáticos.....	20
2.3 Análise do livro didático de Boulos Júnior .....	22
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro para análise de livros didáticos.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Durante o período de formação no curso de história estuda-se sobre mulheres de personalidades incríveis e de feitos mais admiráveis aos quais não se cogita saber enquanto se é estudante de nível básico, e então nós vem uma inquietação, a história e trajetória destas mulheres muitas vezes se concretiza somente aquelas que tem acesso a um curso superior de licenciatura em história.

Ao pesquisar o tema proposto, pude refletir que se minha opção fosse por outra área profissional, jamais saberia da existência de Olimpy de Gouges, Frida Karlo e entre outras, figuras femininas que inspiram outras mulheres.

A pesquisa é em livros didáticos que buscam conhecer se mulheres que fizeram parte da história dos povos aparecem nestes livros e se, da forma como são apresentadas, podem representar parâmetros de emancipação na formação intelectual e representativa destas meninas.

Após diversas leituras ocorridas neste semestre e pesquisas feitas em um volume do 8º ano do ensino fundamental, muito se tem evoluído nas narrativas históricas apresentadas a essas jovens alunas.

Porem, também pode-se aferir que não cabe apenas ao livro didático solucionar essas lacunas, deixada pela história das mulheres, pois essa história de fato é complexa de se contar, tendo em vista que a principal figura, a mulher em si, foi privada por anos de registrar sua história de forma escrita e teórica, que é a forma a qual nós historiadores buscamos para relatar e refletir sobre um determinado tempo os acontecimentos.

Os livros didáticos por anos foram vistos, como materiais de apoio a professores dos níveis Fundamental e Médio de aprendizagem, porem tal, material é uma forma de buscar uma homogeneização naquilo em que os alunos das redes de ensino estão aprendendo, e não somente na matéria de história, mas sim de todos os conteúdos ministrados em sala de aula.

Existe uma grande produção sobre a qualidade, insuficiências e parcialidades deste material, e por isso propõe-se nesta pesquisa realizar a revisao do volume referente ao 8º ano do ensino Fundamental, Historia Sociedade e Cultura, apartir da perspectiva da presença das mulheres na História.

O Intuito desta pesquisa, é gerar uma datação de informações relevantes, sobre o tema acima citado, sendo assim necessario a pesquisa, no livros didatico, tendo-se em foco os livros didaticos do ensino fundamental, e suas aplicações em sala de aula, e no dia a dia em sala de aula de inumeros jovens brasileiros, particularmente para as mulheres.

Objetiva-se dar visibilidade à participação da mulher na história, e sua representatividade imagética, dentro dos conteúdos de história nos livros didáticos do ensino fundamental, aprofundando a análise com o livro de 8º ano utilizado em escolas públicas de Goiânia.

Para tanto, o proposto aqui é iniciarmos com um levantamento bibliográfico que nos apresente a produção existente sobre o tema, e ao mesmo tempo, nos subsidie com parâmetros científicos para realizar a análise pretendida.

Buscar se na edição do 8º ano do ensino fundamental, identificar como o autor aborda a presença das mulheres na história, comparações que objetivam na narrativa democrática e cidadã dos alunos. Finalmente, aprofundar a pesquisa em torno das figuras femininas de representatividade histórica.

Sendo assim fez-se necessário para essa pesquisa a análise dos textos de livro didático e conhecimento histórico uma história do saber escolar da autora Circe Maria Fernandes Bittercourt que foram importantes para a pesquisa, uma vez que sua obra foca em analisar toda a história do livro didático no Brasil nos serviu como base, para que fosse possível discorrer uma nova pesquisa, que analisa as representações femininas nesses materiais didáticos.

Ademais, busca-se analisar no livro didático de história do 8º ano de Alfredo Bolus, quais são as reais participações das mulheres e sua representação no livro. O saber histórico escolar sobre as mulheres e relações de gênero e relações de gênero nos livros didáticos de história da Cristiani Bereta da Silva.

Com isso, essa pesquisa não pretende esgotar o tema, mas tão somente provocar a reflexão do leitor e em especial as mulheres que o enredo feminino é retratada por homens e não promovem a visão da mulher em determinados pontos da história. Por isso, propõe-se aqui uma breve explanação com um olhar feminino sobre nossa história, e assim, influenciar que outras mulheres também se permitam se ver nos livros didáticos.

## **1 SOBRE A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO**

Orienta-se neste trabalho pelo entendimento apresentado por (CHOPPIN, 2002, p. 10) de que o livro didático não é apenas instrumento pedagógico isto é livros são produtos de grupos sócias que através dele buscam perpetuar suas identidades seus valores, suas tradições, suas culturas. Bittencourt (1993, p. 70) realiza uma caracterização do livro didático, o citando como material de inúmeras facetas e possibilidades.

Segundo Bittencourt (1993, p. 72) em sua obra Livro didático e conhecimento histórico, uma historia do saber escolar, o livro didático chega a rede publica de ensino, como material de uniformização das crenças, sejam elas académicas como religiosas.

Com a liberação do estado, as editoras, para a publicação dos livros didáticos a rede ensino, tanto publicas como privadas, as editoras já se encarregaram de coloca-lo na logica capitalista de mercado, buscando sempre o lucro.

Conforme Bittencourt (1993, p. 79) as editoras nessa busca do lucro se associam ao estado. Por isso, cabe neste trabalho também refletir que, em certo ponto o livro didático se torna uma mercadoria, e tal mercadoria, quando produzida, não envolve apenas o autor, aquele que escolhe e comenta os temas presentes no livro. Temos também a presença dos editores e essas editoras em grande maioria, são as responsáveis pelos preços exorbitantes livros didáticos que tem o foco no lucro.

A forma de ensinar ainda nos dias de hoje, segue a velha estrutura do padrão Europeu, uma forte onda conservadora, que luta por escolher a narrativa que será trabalhada em sala de aula, essa onda que busca trabalhar os conteúdos em uma perspectiva da burguesia, que segrega e escolhe o que é ou não história. É sabido que existe hoje trabalhos opostos a essa onda, porem precisa-se de fato questionar, hoje no Brasil estamos de fato presenciando uma educação democrática?

É valido ressaltar que, o livro didático é instrumento de utilização de professores e alunos, que ao terem como base o livro, essa utilização pode transformar até mesmo as narrativas ideológicas, e os objetivos de lucro impostas no material, e ser uma forma de ensino mais autônomo aos alunos.

Através do livro didático o professor pode assumir a postura de um pesquisador, orientador pois de fato é o professor o principal agente deste processo educacional, é ele que conhece as técnicas e estratégias de ensino, ele intervém para auxiliar e ensinar, mas nunca para impor ideias.

Com esses pontos apresentados, conclui-se que o livro didático tem seu papel no ensino aprendizagem, mas em maioria cabe ao professor o que de fato será retirado dele, sendo assim é de fundamental importância, uma formação continuada e de qualidade ao professor de história para que o mesmo possa se qualificar a um profissional de excelência (CESAR, 2020).

A construção da estrutura do livro didático como nos é apresentada atualmente, com gravuras e links para vídeos que correlacionam com o assunto abordado, nem sempre foi assim. A oralidade nas aulas de história era predominante, e certamente, o professor ficar lendo o conteúdo abordado sem um apoio didático de qualidade não gerava na turma uma assimilação total do tema.

Afinal as imagens nos livros didáticos, seriam apenas para ilustrar? Segundo Silva (2008) pelo contrario, as imagens seriam para ajudar o aluno a se localizar dentro do contexto histórico abordado. Facilitando assim o processo de ensino e aprendizagem.

Aliás, Silva (2008, p. 4), demonstra que a trajetória do livro didático no Brasil é controversa desde de seu nascimento, e a chegada do livro didático ao Brasil se data ao começo do século XX e com isso, o Brasil o recebe em uma época conturbada de mudanças tanto em cenário político como educacional. e torna-se marco de mudanças em questão de didática para o trabalho se ser trabalhado em sala de aula.

Ao analisar a produção didática ao longo do século XIX. Circe Bittencourt mostra que o livro didático, num primeiro momento, destinava-se prioritariamente ao professor, devendo assegurar a este o domínio de um conteúdo básico a ser transmitido aos alunos e garantir a ideologia desejada pelo sistema de ensino (SILVA, 2008, p. 4).

Acredita-se que é possível aos alunos aprenderem história não somente através da oralidade ou textos, mas realizar estudos e através da iconografia das imagens, presentes nos livros de história (SERRANO, 1941, p. 11).

Qual seria o papel de tais imagens é o principal ponto levantado por Serrano (1941, p. 11), ele realiza a crítica a algumas editoras, que disponibilizam junto ao livro didático, grandes materiais de imagens, anexados a por exemplo um CD, porem em alguns casos essas imagens mais disputam espaço com os textos históricos do que de fato se correlacionam com o que está sendo abordado.

Em busca de respostas e indagações, realizei a pesquisa no livro didático do ensino fundamental, do oitavo ano, coleção cidadania no qual pude notar o cuidado do autor para não cair nessa fatídica falta de coerência, o mesmo teve o cuidado de deixar informações e notas

de rodapé, sobre a imagem apresentada, e realizar comentários textuais sobre grande maioria delas.

O livro didático realiza uma transposição do saber acadêmico para o saber escolar, além disso o livro didático é um instrumento pedagógico, inscrito em uma longa tradição, porem que busca métodos de seu tempo (CHOPPIN, 2002, p. 19).

A historia das mulheres é incorporada como um saber histórico? Essa preocupação é relativamente ressentida tanto ao ponto de vista histórico, como pedagógico. Pesquisas mostram que textos e ilustrações de livros didáticos transmitem estereótipos e valores arcaicos e patriarcais.

Por conta de algumas limitações para se tornar um material de ampla abrangência, o livro didático pode ter caído em um local de “simplificação” dos conteúdos trabalhados, deixando de lado a melhor elaboração dos temas, como por exemplo a superficialidade de assuntos tao importantes as atualidades como a representatividade feminina, são deixados totalmente de lado, para não serem “polêmicos”.

Macena (2016, p. 138), aborda em sua pesquisa a real importância dos livros didáticos ao construírem uma narrativa historiográfica:

para além de ferramentas pedagógicas do processo de ensino aprendizagem da História, os livros didáticos são importantes tecnologias que produzem e reproduzem representações sociais, entendidas aqui como “uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”, conforme defende Denise Jodelet (2001, p.22). Sobretudo configuram-se como “tecnologias de gênero” (LAURETIS, 2004, p.212), produzindo e reproduzindo o efeito de feminino/masculino em corpos, comportamentos e relações sociais, atribuindo significado a indivíduos dentro da sociedade.

Partindo dessa reflexão, podemos melhor entender o porque hoje no Brasil, se encontra uma disputa perante a narrativa do que será escrito nos livros didáticos. No Brasil o livro didático surge sob a supervisão do estado, no inicio do seculo XIX, para atender a um movimento de abasileiramento dos conteúdos. Em sua obra Bittencourt (ano,1993 p.80) cita que em um primeiro momento o papel fundante do livro didático era atender ao professor, não pensava-se nele, como material aos alunos estudantes.

Somente no decorrer do seculo XIX e primeiros anos do seculo XVIII começou-se a considerar o livro didático como obra a ser consumida diretamente por crianças e adolescentes. Ao olharmos a trajetória do livro didático no Brasil, observa-se que o quanto o material didático vem se adaptando ao longo de sua historia nas escolas Brasileiras. O livro

didático, elabora um papel de objeto cultural pedagógico, que tras a historia do sujeito em seu tempo, com padroes normativos e comportamentos de seu cotexto histórico.

Segundo Berreta (2008, p. 18) não se pode deixar de lado sua trajetória histórica, que acompanha a historia do Brasil, como por exemplo nos anos 1970, foi feita uma pesquisas que buscavam revisar os conteúdos subjacentes dos livros didáticos da época, que vivia o contexto do regime Militar.

Em nossa sociedade, a maioria das pessoas que tem acesso a escola, passam por dois momentos de aprendizagem, o primeiro momento chamado de socialização primaria, que é quando temos contato com familiares e a chamada educação informal, depois um segundo momento da educação secundaria, formal desenvolvida pela escola. A escola também possui a função de favorecer a aprendizagem que o aluno já possui de seu meio social, e assim sendo possível ampliar suas possibilidades de conhecimento.

Consequentemente o ambiente escolar é o responsável, por estabelecer e reforçar, as desigualdades de gênero, racial e social, sendo assim tais divisões são aprendidas e interiorizadas em nossa sociedade. Ao levantar debates sobre as questões de gênero no ambiente escolar, conseguimos começar a desconstrução de imagens naturalizadas da inferioridade da figura da mulher, no tempo presente.

O trabalho desenvolvido por Silva Grupioni sobre as figuras representativas brasileiras em livros de educação básica, são de suma importância, pois é notório que hoje é uma área de pesquisa com pouca produção, assim como a pesquisa iconográfica, em materiais de apoio a professores, como referenciado por Lavisse (*apud* BITTENCOURT, 2001, p. 75) “As crianças têm necessidade de ver as cenas históricas para compreender a história. É por essa razão que os livros de história que vos apresento estão repletos de imagens”.

Ver as cenas históricas é o argumento que justificava, ou ainda justifica a inserção de inúmeras imagens nos livros didáticos, justificando que as imagens auxiliavam no conceito abstrato de tempo histórico, desse modo a distribuição das maiorias dos livros didáticos, é a imagem central com referências ao final dela, e questões que pudessem fixar ao aluno o conceito trabalhado naquela imagem.

Será que de fato os conflitos de gênero entre homens e mulheres já foram sanados e o livro didático deve continuar se omitindo sobre isto? Será que as mulheres já possuem a equidade de direitos civis que os homens? Ao ter acesso ao artigo de Carreira é notável que ao menos no âmbito da educação, tais distinções entre meninos e meninas ainda são estabelecidas dentro de sala de aula!

Pode-se observar, que a pauta direitos das mulheres, vem crescendo e a discussão em torno do tema, levou a sociedade a avanços significativos, tais como: a inserção de uma lei voltada ao ato criminoso do feminicídio, tal lei, é um “agravante” no momento em de se julgar um criminoso que assassinou uma mulher.

Porem na educação, a agenda perde folego, apesar de ser essencial ao enfrentamento das diversas desigualdades, discriminações e violências de gênero presentes na sociedade. Como estabelecido por Scott (1990, p. 14), aqui o conceito de gênero se fundamenta em “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, um primeiro modo de dar significado as relações de poder.”

No entendimento de Cabrera o direito a educação apresenta 4 pilares sendo eles: disponibilidade, acessibilidade, aceitabilidade e adaptabilidade. Quando as instituições de ensino conseguem, assegurar esses quatro pilares básicos aos educandos, a evasão escolar dessas alunas e alunos diminui consideravelmente.

Tendo em vista que assegurar um ensino de qualidade e estruturas físicas, para que esses educandos desenvolvam suas habilidades é essencial, para que em um futuro breve, possam adentrar em uma universidade e diminuir as desigualdades de acesso ao ensino.

A reconfiguração da família e o papel nela designando a mulher, tem ao longo dos anos pautado em grande maioria o formato e posições sociais que as mulheres ocupam, seja no ambiente familiar ou de trabalho.

A desigualdade entre homens e mulheres, é fruto histórico dessas divisões de papéis no ambiente familiar, em um primeiro momento o formato de família era o reflexo total do patriarcado, tendo a figura paterna como uma representação de Deus, a mulher era designando o papel do lar, bela recatada e do lar.

Esse era o estereótipo e modelo a qual uma mulher deveria seguir. Estudar em meados dos anos 70 para algumas mulheres ainda era uma conquista difícil para a maioria das mulheres brasileiras pois a ela era destinado prioritariamente desempenhar o papel de tutora do lar dos filhos, sendo essa figura materna e de apoio a família.

Sendo assim historicamente é possível se notar que a mulher enquanto a gente de transformação na sociedade e participe dela, somente veio através de lutas, tais lutas pelos direitos mínimos de ter acesso ao estudo, dentre eles o acadêmico superior, assim sendo possível a melhor qualificação acadêmica, mas ter a qualificação garantiria as mulheres o recebimento de remunerações equivalentes aos homens?

Infelizmente o que se nota no dia a dia é que mesmo exercendo a função a qual se qualificou, inúmeras mulheres são remuneradas de forma desigual. Pode-se observar que além



das inúmeras dificuldades já citadas que a mulher encontra em seu caminho acadêmico, após estar formada e apta ao mercado de trabalho e possuindo as mesmas qualificações que o homem, é lhe oferecido um salário menor, para exercer funções equivalentes.

Pesquisas apontam que a diferença salarial entre homens e mulheres é ainda hoje grande, veja-se:

Figura 1 - inserção das mulheres no mercado de trabalho



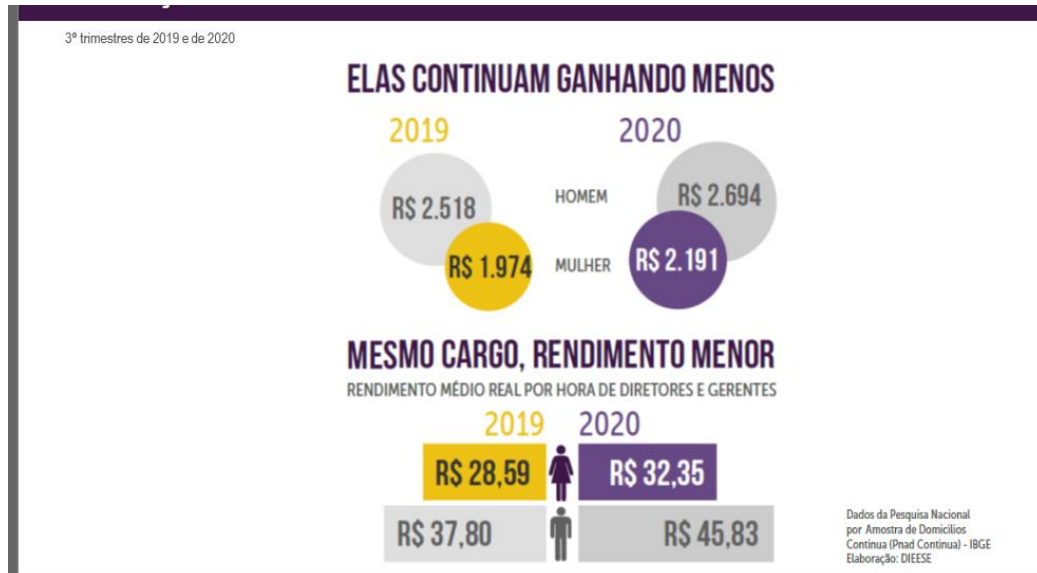
Fonte: (DIEESE, 2021, p. 1)

Conforme o gráfico acima, pode-se notar que mesmo na atualidade, e com toda a sua luta, as mulheres ainda encontram com limitações para estarem inseridas ao mercado de trabalho e muitas dessas limitações estão relacionadas à forma como a sociedade vê essas mulheres. Conforme abordado por Seggiaro (2017, p. 93) as mulheres hoje enfrentam dificuldades no momento de entrar no mercado de trabalho, ao passarem por uma entrevista de emprego por exemplo, um dos primeiros questionamentos do entrevistador seria, se a candidata tem filhos, e se sim, quem cuidaria dessa criança para que a mesma exercesse sua atividade no trabalho, tais questionamentos raramente para não dizer jamais seriam realizados a uma figura masculina, e que se informa-se ter um filho, o entrevistador deduziria que o mesmo ficaria aos cuidados da mãe.

Mas agora me vem a seguinte reflexão o porque de ser assim? Por que nossa sociedade se comporta dessa forma? E a resposta encontramos nos estudos de Seggiaro (2017, p. 93) que comprovam que ainda hoje nossa sociedade brasileira é machista e patriarcal, fato este

que é comprovado com a pesquisa realizada pelo o DIEESE (2021, p. 2), mostrando que as mulheres exercendo a mesma função que os homens, com a mesma qualificação acadêmica, continuam ganhando menos:

Figura 2 - Elas continuam ganhando menos



Fonte: (DIEESE, 2021, p. 2)

Mas o porquê de tal realidade? As narrativas machistas, e nossas estruturas sociais como um todo, são os principais pontos a se analisar essa situação, uma mulher hoje costuma ter jornada dupla, além de suas obrigações trabalhista, ainda tem toda a sobrecarga do lar para administrar.

Outro ponto que podemos explorar, é a má qualidade do local de trabalho e jornada de trabalho que professoras, tanto da rede pública como privada tem passado, segundo Zibetti e Pereira (2010, p. 265) as professoras precisam dividir entre planos de aulas, que na maioria das vezes devem ser elaborados em casa em regime de home office, e a divisão de suas tarefas domésticas, como mães e cuidadoras do lar, tais sobre cargas em ter que se dividir entre atividades de trabalho e os cuidados do lar, em muito colocam mulheres professoras, trabalhadoras em sobre carga,

Como se pode ver, os desafios de Gênero são grandes, por exemplo desigualdade entre mulheres, no Brasil é notório que a cor e classe social a qual a mulher esta inserida, irá predominar se a mesma terá acesso à educação básica de qualidade e aumenta ainda mais, se fizermos o comparativo entre mulheres negras e mulheres brancas, mulheres negras e homens, de modo que essa desigualdade é grotesca, como pode-se perceber pela imagem:

Figura 3 - Mesmo com ensino superior elas ganham menos



Fonte: (DIEESE, 2021, p. 2)

No que se refere aos profissionais da educação, as mulheres são maioria na rede fundamental e médio de ensino, porém as mesmas não ocupam cargos de liderança e de poder, mesmo sendo maioria.

A realidade a qual vivenciamos hoje deixa claro que a educação sozinha não é capaz de reparar desigualdades históricas ou acabar com a pobreza, é necessário que se tenha políticas públicas que venha ao encontro da pauta que a educação vem defendendo a anos, educação pública, laica e de qualidade em todos os níveis, com combate aos estereótipos.

O retrocesso que as escolas vêm passando em favor da grande onda conservadora, afeta diretamente as meninas, com o fim da distribuição de informativos sobre gravidez na adolescência e preservativos que para muitas alunas a escola era o único local para um dialogo sobre essa temática.

Além do mais, ainda não saiu de cena a tentativa de implantar o projeto Escola sem Partido que quer impedir o debate democrático de idéias seja sobre a verdade histórica, seja sobre gênero e sexualidade.

Sendo assim reitero a necessidade, de levantar a inquietação de como as mulheres são representadas nos livros didáticos, pois ao termo figuras apresentadas a nós mulheres desde os primórdios da educação, essa representatividade, permite a inúmeras meninas a abrirem seus horizontes de possibilidades e locais de atuação em um futuro breve.

## 2 PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NO COMBATE À DESIGUALDADE DE GÊNERO

Questões de gênero são temas ao qual a sociedade brasileira sempre teve medo, não seria um problema único e exclusivo do passado, trata-se de uma temática presente em nossa sociedade, o sexismo e machismo estrutural somente reafirmam tais preconceitos.

A construção do imaginário feminino sempre foi de uma pessoa fragilizada ou de ser facilmente superada, a construção dessa narrativa é fruto de anos, de uma sociedade patriarcal, desconstruir tal narrativa é tarefa difícil porém deveria ter se quer um suporte que nesse caso seria o livro didático.

Ao ter acesso a um livro da coleção “Historia Sociedade e Cidadania” distribuído a rede municipal das escola de Goiânia capital de Goiás, entre os anos de 2020 a 2023, pela Editora FTD, é da autoria de Boulos Júnior (2018). Podemos identificar vários pontos críticos na construção desse material didático, como por exemplo no capítulo “Revolução Industrial esse cenário caótico chamado revolução francesa é palco de vários acontecimentos, como por exemplo a declaração dos direitos da mulher e cidadã, regida e constituída por Olympe de Gouges.

Como forma de protesto a então publicada: declaração dos direitos do homem e cidadão, sabemos que o ato de redigir um documento por não estar no feminino pode parecer exagero, porém tal reflexão que a filha de um açougueiro trás a sociedade em mudança da França, é de essencial valor, pois temáticas como essa não eram de fato pensadas nem debatidas, é consequência o destino de Olympe ser o enforcamento em praça pública.

O que busco abordar aqui é o fato de que no livro didático nesse período de revolução francesa não é mencionado o papel da mulher e quem dirá sua importância. Representações como a de Marie não são citadas nesses materiais de apoio, e a exclusão dessa narrativa feminina, não ocorre somente em temas de revolução, a mulher e sua trajetória em um geral são subjugadas a mera coadjuvantes da narrativa masculina hétero branco patriarcal.

O material didático do ensino de história é um discussão constante, de minimizar e compactuar assuntos e temas tão relevantes e extensos como os que seria necessários abordar em uma aula de história é complexo, pois sempre corre o risco de se deixar de lado temas voltados a formação acadêmica do educando, como por exemplo o papel feminino nas fábricas como operárias, ou subalterna.

No começo do livro didático ‘história sociedade e cidadania’, do 8º ano do ensino fundamental, Boulos Júnior (2018), realiza uma carta de apresentação do material ao qual o aluno terá acesso. Esse livro foi distribuído a rede municipal de ensino da prefeitura de

Goiânia no ano de 2020, e possui data de ‘utilização’ de 2020-2023, essa apresentação é de extrema importância, pois, busca diminuir o abismo, entre autor e leitor, tendo em vista que esses leitores finais são jovens de escolas de regiões carentes (GOIÂNIA, 2020, [n. p.]).

Segundo a perspectiva da pesquisa de Fernandes (2014, p. 545) é dever do estado fornecer desde a primeira infância, ao cidadão uma educação pública e de qualidade, respeitando o direito à vida, e de desenvolvimento do cidadão, ao disponibilizar aos alunos da rede pública de ensino o acesso ao livro didático, cumpre com essa diminuição da desigualdade.

## 2. 1 A construção da narrativa feminina nos livros didáticos

Os dados bibliográficos no livro didático, ‘história sociedade e cidadania’ do 8º ano, tem uma vasta quantidade de material bibliográfico, sendo reservada as páginas 265 à 267 apenas para especificar tais bibliografias utilizadas. Informações sobre os autores como o Boulos Júnior (2018, [n. p.]) que é Doutor em educação (área de concentração: história da educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, além de ser mestre em ciências (área de concentração: história social) pela Universidade de São Paulo e ainda menciona que lecionou na rede pública e particular.

A abordagem escolhida por Boulos Júnior (2018, [n. p.]) é de extrema facilidade ao entendimento dos alunos, fazendo uso de linguagem de fácil compreensão e citando exemplos práticos, facilita o entendimento da obra para os alunos do ensino fundamental.

Os conteúdos do livro didático são subdivididos em 8 capítulos, logo na 5ª página do livro já se é possível encontrar o sumário com todas as especificações do que será abordado em cada capítulo. Os conteúdos são introduzidos de maneira, que ao finalizar um capítulo/tema, o autor já deixa um gatilho para o próximo (BOULOS JÚNIOR, 2018, [n. p.]).

Percebe-se que o autor busca a todo momento, contextualizar alunos e professores, sobre em qual espaço e tempo se trata tal fato abordado. Ao final de cada capítulo se tem a chamada “revisão” proposta pelo autor, abordando e reafirmando o conteúdo que foi abordado naquele capítulo (BOULOS JÚNIOR, 2018, [n. p.]).

Digamos que a linguagem utilizada pelo autor é atual, porém alguns conceitos são de complexa interpretação, sendo assim necessário ao professor, realizar a transposição didática daquele tema.

O autor trabalha o conceito de imagens e o cuidado que os artistas possuem ao trabalhar com elas, o autor trás em seguida uma figura da Mona Lisa, pintura de Leonardo da

Vinci, c. 1503-1505, ponderando todo o trabalho que teve ao criar a pintura. Não roubam totalmente a atenção central do livro, estão em tamanhos ideias para serem trabalhadas (BOULOS JÚNIOR, 2018, p. 26).

O livro é composto por inúmeras fotografias, bem estruturas e condizentes ao conteúdo trabalhado, porem percebe-se a falta de mais tirinhas cômicas, para estarem sendo acrescentadas a alguns temas como por exemplo a figura da Mona Lisa, que o autor tras como exemplo no cuidado para se trabalhar com imagens.

Já ao se tratar de representatividade feminina pode-se dizer que o livro é problemático, do ponto de vista em que todos os conteúdos abordados em seus 8 capítulos e mais de 320 paginas, somente sugere-se uma narrativa dos fatos através da perspectiva feminina. Momentos pontuais, não apenas criticando o autor, mas ponderando o ocorrido, mostra-se extremamente desigual pensarmos que em vários momentos históricos que um livro didático do 8º ano do ensino fundamental poderia abordar a representatividade das mulheres, ocorre, contudo que a obra limita-se a mostrar pontualmente uma “tentativa” de olhar feminino dos fatos.

Dessa forma, a critica que se desenvolve nesse ponto é que as mulheres e crianças necessitam se verem representadas no ambiente escolar, isso porque esse acolhimento gera, uma abertura a inúmeras possibilidades de desenvolvimento, em especial das alunas estudantes.

Outra dificuldade encontrada por professores em sala de aula, é o presentismo, os jovens em sala ao chegar em sala de aula, trazem os relatos do mundo externo, como o que veem na TV, internet, conversa com amigos, e trazem tais informações como se fossem a verdade dos fatos. sobre o assunto o historiador britânico Hobsbawm (1995, p. 13) aponta que:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca [...]. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores (HOBSBAWM, 1995, p. 13).

Pressupostos teóricos no livro, apresentam o material ao professor, que tem o cuidado de deixar claro quais são suas definições de historia, ou seja os objetivos que pautam a escrita do livro didático. É interessante verificar que o autor divide em 4 pontos aquilo que considera crucial, e que é unanimidade entre os historiadores, são eles:

É impossível se resgatar episódios históricos do passado tais como ocorreram.

[...]

O conhecimento histórico é algo construído com base em um procedimento metodológico.

[...]

Todo conceito possui uma história, tal ressalva se faz necessária tendo em mente que: ao se trabalhar com alunos da rede fundamental de ensino é válido ressaltar que por exemplo o conceito de cidadão tratado na Grécia antiga não é o mesmo que temos no Brasil do século 21, faz-se necessário tal distinção para não dar abertura a interpretações anacrônicas dos assuntos abordados em sala de aula.

[...]

E o passado só se faz questionado por questões levantadas no nosso presente. Inclusive o que rege essa pesquisa acadêmica de conclusão de curso, é um questionamento do presente referente ao passado, “como as mulheres são representadas na história do livro didático? De fato tais questões sobre mulheres e gênero são questionamentos levantados pelos estudantes e pesquisadores do presente referentes ao passado.

[...]

Estou me apoiando no próprio pressuposto do autor são questões da atualidade (BOULOS, 2018, p. 10 material de orientação ao professor).

Ainda, o autor pontua os objetivos para o ensino de história, utilizando como referência os ensinamentos de Prestana (1999, p. 63) que englobam: facilitar a construção, por parte do educando, contribuir para compreensão dos processos históricos e possibilitar a integração dos conteúdos cognitivos.

Através dessas proposições de pestana sobre quais devam ser os objetivos para o ensino de história faz-se aqui agora uma análise de momentos do livro onde, ele faz alguma relação com a questão da mulher, e verificar se essa abordagem atende os objetivos do ensino a história como pontuados acima.

### 2.3 Análise do livro didático de Boulos Júnior

Posto isso, faz-se necessário analisar pormenor a obra de Boulos Júnior (2018, p. 4), iniciando-se pelo sumário que divide bem os temas a serem abordados no livro, subdividindo-os em: unidade I a IV, começando com o iluminismo. Nesse início, Boulos Júnior (2018, p. 7) traz imagens como a gravura de Simon Louis Boizort, na qual é válida a forma como ele introduz a imagem ao texto que a antecede, ilustrando que o homem agora chegou a luz da ignorância, vejamos:

Figura 4 - Iluminismo



Fonte: (BOULOS JÚNIOR, 2018, p. 7)

Também abordada os principais nomes do movimento iluminista como John Locke, Voltaire Montesquieu e Rousseau que se consagraram por textos que falavam sobre a formação do Estado (BOULOS JÚNIOR, 2018, p. 8/11). Ao se tratar de século das Luzes refecia-se a a figura feminina de Mary Wolstonecraft, escritora inglesa que lutou pelos direitos das mulheres, não apenas defendendo a causa, mas sendo árdua crítica a estereótipos da época, seus discursos peculiares para época, sobre qual deveria ser o papel da mulher mostra o pensamento fora dos padrões estipulados que de Mary Wolstonecraft possuía, podemos dizer que sua trajetória foi singular a trajetória das mulheres da época.

Ambas as abordagens são textos imagéticos ilustrado para o leitor o fato abordado no parágrafo, trazendo por exemplo a imagem dos três poderes da capital Brasileira Brasília, mostrando para o aluno a atualidade dos pensamentos de Montesquieu.

Ao realizar a leitura da coletânea, a crítica acima citada não deixa de ser pertinente em relação ao livro didático, porém não cabe aqui exprimir da fonte apenas críticas, cabe ser relatado as tentativas de uma escrita voltada a ambos os gêneros, o autor tem esse cuidado a todo momento se referindo aos leitores como: aluno (a), por mais que essas nomenclaturas de gêneros causem discussões na academia, pode-se notar uma tentativa de homogeneização no tratamento ao leitor.



No capítulo 3 revolução industrial, Boulos (2018, p. 31), traz ao leitor pontos cruciais da revolução, dentre eles a participação das mulheres como fiandeiras, trazidas em forma de representação iconográfica, a qual é apresentada aos alunos no livro didático, como a obra do pintor espanhol Diego Velasques, vejamos:

Figura 5 - As fiandeiras



Fonte: (BOULOS JÚNIOR, 2018, p. 32).

No roda pé da imagem é informado ao leitor que se trata de mulheres eu trabalham na manufatura de um tapete, demonstrando que já se havia a divisão de trabalho definida, com cada uma das mulheres realizando uma parte do trabalho de produção do tapete.

Através da imagem apresentada ao leitor, entendesse que as mulheres foram participes nas mudanças ocasionadas na revolução industrial, porem o autor deixa a desejar, pois não agrega a iconografia a presentada um texto que possa referenciar, essas mulheres, ele apenas, deixa a imagem, das trabalhadoras e opta por seguir para um próximo assunto.

Como muito bem tratado no livro de Perrot (2017, p. 154):

Elas são o poder que se oculta por detrás do trono e, tanto na família como nas relações de negócios, gozam incontestavelmente de uma consideração maior do que as inglesas”. 4 Mais prosaicamente, é a ideia muito difundida de que as mulheres puxam os fiozinhos dos bastidores, enquanto os pobres homens, como marionetes, mexem-se na cena pública. Inspiradora da decisão política, muitas vezes tomadas “sobre o travesseiro”, a mulher, em si tão pouco criminosa, é a verdadeira instigadora do crime. “Procurem a mulher”, dizem em coro Lombroso e Joly.

A mulher na história ocupa o papel muitas vezes de um agente que se moveu nas sobras, mas as mulheres eram participes tão qual quanto os homens, como por exemplo segundo Hobsban (2000, p. 45) a indústria têxtil foi a que mais se beneficiou com a mão de obra barata de mulheres e crianças, a substituição do operário artesanal pelo operário

industrial, as mulheres começam a ser trabalhadoras ativas, participando de movimentos sindicalistas, que buscavam por melhores condições de trabalho e cargo horaria mais justas.

Porém as mesmas eram vistas pelos patrões como dóceises e fáceis de manipulação, pois a maioria dos protestos por elas organizado não havia adesão de todas as mulheres e pouquíssima por parte dos homens, sendo assim rapidamente dispersados seus movimentos.

Baseado na pesquisa de Rodrigues *et al.* (2015, p. 4) podemos afirmar que o pensamento de que as mulheres na revolução industrial, eram apenas figuras que agiam nas sombras é invalido, pois as mesmas eram mais que a metade dos trabalhadores têxtil do mesmo período, a justificativa para o aumento de mulheres trabalhando nas fabricas é o resultado de uma desvalorização salarial coletiva da época, a qual força as mulheres a saírem do lar, para complementar a renda familiar.

Dessa forma, após um estudo mais aprofundado do tema, foram esses pontos ao qual sinto que o autor do livro didático historia sociedade e cidadania, deixa a margem a historia da mulher que poderia melhor ter sido explorada nesse capitulo tao importante do livro, para ser apresentado aos alunos esses movimentos a qual a mulher participou diretamente.

Já no capítulo 4 sobre a revolução francesa e a era napoleônica, a intitulada revolução Francesa e a era Napoleônica, o autor realiza um aparato geral dos acontecimentos da época, em um subtítulo intitulado de ‘A Assembleia nacional constituinte’, é relatado a queda da bastilha e suas reverberações, como que no dia 26 de agosto de 1789, foi aprovado pela a assembleia a declaração dos direitos dos homens e cidadão, reconhecendo a todos o direito a liberdade, á segurança, á propriedade e igualdade perante a lei (BOULOS JÚNIOR, 2018, p. 44).

O ponto crucial de problemática deste capitulo é não especificar aos alunos leitores deste material que no momento da revolução francesa, cidadão era considerados apenas homens livres, como por exemplo o conceito que melhor é trazido de cidadão seria do Dallan (2011, p. 61):

Durante a Revolução Francesa passou-se a usar a palavra cidadão como demonstração da igualdade de todos: não havia mais nobres e plebeus, livres e escravos; havia apenas cidadãos. Mas a cidadania implicava a vinculação jurídica com um Estado determinado e, assim, os cidadãos eram franceses, ou ingleses, ou suíços, etc.

Sendo assim, entende-se que a declaração dos direitos dos homens e cidadão, exclui amplamente as mulheres, independente de sua classe social ou idade, existe no material de apoio ao professor do livro didático ‘historia cultura e sociedade’ de Boulos Júnior (2018, [n.

p.]), uma menção ao manifesto intitulado de declaração dos direitos da mulher e cidadã, elaborado por Olympe de Gouges.

Porém, mesmo no material de apoio ao professor, não é explorado o porque de Olympe de Gouges se sente na necessidade de publicar tal material, ao que se refere a historia, sabemos que Olympe o publica como forma de protesto aos pos revolucionários jacobinos, que apesar de viverem no século das luzes, mantem o mesmo padrão de misoginia, e consideram tal material revolucionario de mais, pois o autor defendia não somente a emancipação feminina, como também o direito de divorcio para as mulheres, de serem consideradas cidadãs, como bem abordado por Mendonça e Alves Primo (2020, p. 307) “conteúdo de seus textos, além de uma dura crítica à sociedade, tratavam da defesa do abolicionismo, da igualdade entre os sexos, da defesa dos filhos ilegítimos e da proposta de divórcio”.

Na imagem a baixo, é uma copia da deklaçao dos direitos da mulher e cidadã de Olympe de Gouges, esculpida em Marmore no Palacio Bourbon:

Figura 6 - Declaração dos direitos da mulher



Fonte: (WIKIPEDIA, [2021], [n. p.]).

Tal, foi a importancia do documento redigido por Olympe que o mesmo se encontra ate hoje, como fonte de inspiraço para todas as pessoas que o acessao.

Boulos Júnior (2018), apenas cita aos alunos leitores de sua obra, que a declaração dos direitos do homem e cidadão foi o material de base fundante, para a elaboração da declaração dos direitos humanos, é valido trazer aos leitores alunos que, o material elaborado por Olympe de Gouges é necessário, não apenas por questões de nomenclatura. Pois as três declarações, a dos direitos dos Homens e cidadão, a dos direitos das mulheres e cidadã e a dos direitos humanos, se distinguem em seus conteúdos.

O documento elaborado pelos os jacobinos exclui amplamente as mulheres, já o de Olympe, abrange todos, sua declaração, é em busca de iguais direitos a homens e mulheres. Sendo assim a declaração dos direitos humanos mais se assemelha a declaração elaborada por Olympe de Gouges.

É de extrema necessidade a presença da figura de Olympe de Gouges no livro didático, para que alunas e alunos, possam ter acesso fácil a historia desta mulher que fez uma mudança histórica em sua sociedade, tendo a vida encerrada, por acreditar e defender seus ideias, sendo assassinada em Paris, França em 3 de Novembro de 1793.

Durante o capítulo 5 que trata das rebeliões na america portuguesa é pré estabelecido pelo próprio autor atingir as seguintes diretrizes da LDB, vejamos:

Explicar os movimentos e as rebeliões da América portuguesa, articulando as temáticas locais e suas interfaces com processos ocorridos na Europa e nas Américas.

[...]

Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões.

[...]

Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas (BOULOS JÚNIOR, 2018, [n. p.]).

Nesse sentido, após a análise sucinta do capítulo se verifica que tais objetivos foram atingidos, porém, verifica-se, tanto na elaboração de objetivos como na abordagem dos fatos ocorridos, a ausência de uma narrativa feminina dos acontecimentos, não se é citado figuras históricas, ou suas participações.

Diga-se que a inquietação e busca por uma história das mulheres se tenha dado início, a partir da lacuna deixadas pelas análises demográficas (SANTOS, 2020, [n. p.]) a ausência de repostas para essas questões e a popularização dos movimentos feministas motivaram, a

busca por uma história, voltada ao resgate da história das mulheres, quem foram as mulheres que participaram das rebeliões na América Portuguesa?

De fato se olharmos a grande maioria do material documental da época, as histórias das mulheres em sua maioria viviam sob o julgo do patriarcado que predominava a sociedade. Segundo recentes pesquisas realizadas pela historiadora brasileira Mary Del Priore, uma farta documentação do século XVIII indica que o número de mulheres envolvidas no comércio era bastante significativo (GONÇALVES, 2020).

Conforme imagem a baixo, que representa as mulheres nos comércios locais da época:

Figura 7 - Tocador de berimbau



Fonte: (DEBRET, [2021], [n. p.]) 1

Sendo assim crio aqui uma inquietação, não caberia ao autor Alfredo Bolus, adicionar minimamente, a história dessas mulheres? ou citar que tais figuras foram importantes no comercio da época?

Reforço que citar e colocar essas mulheres em papeis de destaque, como os importantes temas que a LDB predetermina é essencial. O autor aborda no decorrer de todo o capítulo 5 do livro, a importância das rebeliões, do comercio, dos povos negros e nativos, e por isso, creio ser valido o acréscimo do papel desempenhado pelas mulheres, adicionado nesses pontos de destaque a serem abordados no capítulo.

Ademais, no capítulo 7 das independências do Haiti e América Espanhola, o livro, *Independências: Haiti e América espanhola*, nesse capítulo do livro o autor Alfredo Bolos, fala sobre as inúmeras pluralidades do povo dos povos que residem no território Haiti, no processo de colonização dos franceses os nativos foram exterminados, seu regime escravista se identificava em muitos pontos com o Brasileiro (BOULOS JÚNIOR, 2018, p. 103).

É trazido aos alunos que tem acesso ao livro didático a história de François Dominique o chamado por muitos de Napoleão Negro, François tem um importante papel na revolução Haitiana.

O capítulo tem diversos fatos históricos pertinentes, cita que o Haiti foi a primeira nação da América a abolir a escravidão e a segunda a se tornar independente, apesar da França somente reconhecer a independência 21 anos depois.

Após a independência do Haiti, gerou-se na América um sentimento de medo por parte dos senhores de escravos, tendo em vista que um país próximo tivesse se rebelado contra um sistema já imposto. Amaral (2018, p5. ), traz o seguinte questionamento:

Entende-se que a experiência haitiana foi inovadora, uma vez que estendeu os ideais revolucionários franceses de igualdade, liberdade e fraternidade mais do que a própria Revolução Francesa foi capaz de fazer. Contudo, até que ponto esse discurso se traduziu em prática também para a parcela feminina envolvida no episódio?

Depois da leitura do material didático e pesquisa sobre a história do Haiti, analisa-se que a própria história do país não destaca ou exclui as figuras das mulheres que compõe ela, muito se deve ao anteriormente citado, conflito da narrativa, no caso de Suzane Saniti Becair participou ativamente na luta contra a escravidão, se tornou uma tenente a frente da maioria das batalhas .

Em sua cidade natal Bartibonite foi responsável pela revolta dos escravos daquela região. Outra figura feminina de importância, na revolta haitiana, entre várias é Marie Clarie Heureuse, que atuou como enfermeira e liderou uma procissão de mulheres e crianças atendendo quem precisava no momento de conflito.

Com todas essas informações sobre algumas figuras atuantes na revolução Haitiana, e o desconhecimento delas até mesmo por parte da própria história nacional do país, vemos que os conflitos de representatividade feminina, não estão apenas nos materiais didáticos mas sim, em toda uma cadeia estrutural de esquecimento a essas mulheres.

Dessa forma, retratamos a cédula da República do Haiti que traz Catherine Flon como símbolo dessa revolução, cita-se:

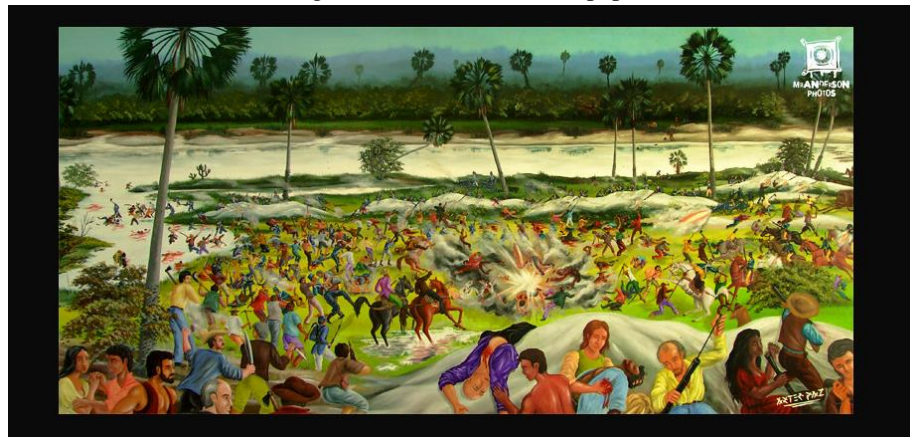
Figura 8 - Cédula Haitiana Dix Gourdes



Fonte: (RIBEIRO, 2017, [n. p.]).

Por isso, o capítulo 9<sup>a</sup> que versa do reinado de D. Pedro I, uma cidadania limitada, na batalha de Jenipapo a introdução do capítulo nove do livro didático história cultura e cidadania, o autor apresenta aos leitores os conflitos que levaram a chamada batalha de Jenipapo, tal conflito foi marcado pelo povo (BOULOS JUNIOR, 2018, p. 136). A imagem a seguir ilustra tal conflito, vejamos:

Figura 9 - A batalha do Jenipapo



Fonte: (ANDERSON, 2008, [n. p.]).

O que podemos aqui referenciar deste conflito, é que ele aparece no livro como uma mera citação, mas foi um dos conflitos em território brasileiro com maior relevância, considerando que, mulheres, crianças e homens lutaram lado a lado, com essa significativa participação popular.

O conflito é exemplo de como era o Brasil no império, conflituoso e moldado por pessoas de todas as classes. No mais o capítulo aqui citado referencia a vida de Dom Pedro, e como foi sua regência e declínio de popularidade.

Ainda, por fim cumpre retratar que no capítulo 12, Boulos Júnior (2018, p. 203) trata da abolição, imigração e indigenismo no império, fala sobre abolição da escravidão no Brasil, é natural lembrarmos da figura da princesa Isabel, porém sabemos que apesar de ser uma figura feminina na história do Brasil, o papel desempenhado pela princesa no processo de abolição a escravidão apresentou limitações. Ela de fato teve papel chave, assinando o documento e validando a luta de inúmeros brasileiros e brasileiras escravizados perdendo pela a sua liberdade.

Como por exemplo a figura de Maria Tomasia Figueira Lima, Aristocrata que lutou para adiantar a abolição no Ceará, papel desempenhado por Maria Tomasia, foi responsável por começar o movimento concreto de abolição das mulheres naquela região.

A imagem abaixo representa sessão parlamentar que aboliu a escravidão no Ceará, em 1884, é possível ver diversas mulheres entre os homens, destacamos:

Figura 10 - Sessão Parlamentar



Fonte: (BBCNEWS, 2018, [n. p.])

Assim, como pode-se extrair da imagem, outras mulheres como Maria Tomasia atuaram a frente de seu tempo por aquilo que acreditavam. Tal expressividade não pode ser suprimida para retratar apenas o feito da princesa Isabel, antes, deve ser complementado com outras mulheres importantes.

Portando, tendo em vista os pontos a qual se buscar alcançar no aluno que tem acesso a este livro, como material de apoio didático a seus estudos, me surge uma questão esses objetivos se correlacionam com os propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?



O livro didático história e sociedade, de Alfredo Bolos, vem respondendo aos parâmetros estabelecidos na BNCC, que visam um estudante participativo e a gente de mudanças dentro de um contexto histórico. Tendo como orientação que nas aulas de história exista esse estímulo a inquietação de alguns temas por parte do aluno. Potencializar o pensamento crítico também é outro ponto que a BNCC, compete ao ensino de história.

Tendo em vista que na teoria o livro didático de Boulos Júnior e a BNCC, se encontram em seus conteúdos e propostas, ao ser levado para um estudo de contexto que estamos vivenciando na atualidade. Como pontuado por Ferreira, a BNCC é um documento que vem sofrendo com o governo ideológico que assumiu o poder em 2018.

Porém tais buscas por uma dominância narrativa, sobre o que se deve ser tratado na matéria de história já vem acontecendo a algum tempo, grupos ideológicos, buscam através da reformulação dos conteúdos que devem ser obrigatórios nas salas de aula de todo o país.

Através dessas reformulações, muitos temas são deixados de lado, e prejudicando o desenvolvimento de inúmeros estudantes por todo o país, tendo em vista que, em grande maioria das escolas, se é abordado apenas os conteúdos já pré-determinados, não por falta de engajamento de professores, que buscam trazer conteúdos diversos, mas sim por uma rede de interesses, que buscam afunilar, a nossa educação.

Sendo assim voltamos para as dificuldades, de realizar a transposição didática adequadamente, pois quando professores não podem se resguardar aos programas pedagógicos que predeterminam os conteúdos, são vítimas de ataques ideológicos, que perseguem esses professores, os privando de realizar sua profissão com qualidade e excelência de conteúdo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizada a pesquisa, conclui-se a importância do livro didático como ferramenta imagética de representatividade feminina, pois o mesmo é de fácil acesso as classes sócias, sendo assim, uma fonte de conhecimento histórico, abrangente. Porem verifica-se a necessidade de que ao se acrescentar, figuras históricas com mais relevância e representatividade feminina, seja observado o cuidado de correspondência com o tempo histórico e a presença necessária das mulheres em cada tempo, como pessoas atuantes e presentes, para assim estarem sendo fontes de inspiração as alunas que tem acessos a essas narrativas.

Após a análise do livro didático de Alfredo Boulus, História e Cidadania, voltado aos alunos do 8º ano do ensino fundamental, chega-se a conclusão de que, o autor busca sim atender a uma educação democrática, elencando assuntos pertinentes a série de estudo dos alunos leitores de sua obra, apesar de ser um exemplo da falta de representatividade de figuras femininas no decorrer de sua obra. Mas, como anteriormente citado, a falta desta figuras não se deve como fator de responsabilidade total do autor, mas sim um reflexo da história das mulheres, que estiveram presentes em todos os momentos significativos da história mas tiveram sua luta apagada ou minimizada por variados fatores.

Cabe a nós estudantes e professores, irmos sempre além das barreiras do livro didático, e referenciar em sala de aula essas mulheres tão brilhantes que participaram da construção da história.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Márcio. **A batalha do Jenipapo**. Pintura Artes Paz, 2008. 9 figura. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/m2714/2248492163>. Acesso em: 03 set. 2021.

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**: adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. 1948. Disponível em: <http://www.ouvidoria.defensoriapublica.pr.gov.br/arquivos/File/Legislacao/declaracao.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2021.

BARROS, Vitória Regina de L. C. Mulheres e memória: mapeando arquivos pessoais brasileiros. In: XIII Encontro Estadual de História. História e Mídias: Narrativas em Disputa. 2020. Pernambuco. **Anais**. Pernambuco, 2020.

BENASSI, Martina. **Arquivo e representatividade**: uma pesquisa através dos acervos de mulheres no arquivo nacional. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Arquivologia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. 1993. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania**: manual do professor 8º ano. ensino fundamental. 4. ed. São Paulo. FTD, 2018.

CÉDULA, Haitiana Dix Gourdes. 1988. 8 figura. In: RIBEIRO, Tatiane. As mulheres desenvolveram um papel fundamental de liderança e articulação na revolução Haitiana (1791-1804). **Alma Preta**, 2017. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/quilombo/conheca-quem-foram-as-mulheres-por-tras-da-revolucao-do-haiti>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. **História da Educação**. v. 6. n. 11. p. 5-24. jan./jun. Pelotas, 2002.

DALLAN, Dalmo de Abreu. Ser cidadão. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**. p. 61-64. São Paulo, 2011.

DEBRET, Jean Baptiste. **O tocador de berimbau**. 7 figura. [2021]. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Debretberimbau.jpg>. Acesso em: 10 set. 2021.

DIEESE, Departamento Intercidical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Inserção das mulheres no mercado de trabalho**. 2021. 1 figura. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficosMulheresBrasilRegioes2021.pdf>. Acesso em: 25 maio 2021.

DIEESE, Departamento Intercidical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Elas continuam ganham menos**. 2021. 2 figura. Disponível em:

<https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficosMulheresBrasilRegioes2021.pdf>. Acesso em: 25 maio 2021.

DIEESE, Departamento Intercidical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Mesmo com ensino superior elas ganham menos**. 2021. 3 figura. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficosMulheresBrasilRegioes2021.pdf>. Acesso em: 25 maio 2021.

FERNANDES, José Henrique Paim. Acesso à educação e combate à desigualdade: o papel da educação no âmbito do plano Brasil sem miséria. p. 543-560. Brasília, 2014. In: **MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (Org). O Brasil sem miséria**. 1 ed. Brasília, 2014.

GOIÂNIA. Prefeitura Municipal. **Educação é orientada sobre distribuição de livros didáticos**. Goiânia, 2020. Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/educacao-e-orientada-sobre-distribuicao-de-livros-didaticos/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

GOUGES, Olympe de. **Declaração dos direitos da mulher e da cidadã**. França, 1791. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada-1791.html>. Acesso em: 05 jun. 2021.

GOUGES, Olympe. **Declaração dos direitos da mulher**. 6 figura. [2021]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Olympe\\_de\\_Gouges](https://pt.wikipedia.org/wiki/Olympe_de_Gouges). Acesso em: 10 set. 2021.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos: o o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

JACOBINI, Júlia Amaral. **Las mujeres no somos cobardes: a participação feminina na revolução haitiana em “la isla bajo el mar” de Isabel Allende**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

MENDONÇA, Marcela Prado; ALVES PRIMO, Marcelo de Sant’Anna. A palavra de uma cidadã na tormenta revolucionária: o pensamento político de Olympe de Gouges. **Princípios: Revista de Filosofia**. v. 27. n. 52. Natal, jan.-abr. 2020.

PACINI, Henrique Ferreira. Lobo em pele de cordeiro: novas roupagens e velhas atitudes no ensino de história proposto pela BNCC. **História & Ensino**. n. 1. v. 23. p. 113-138. jan./jun., 2017. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/24467/22135#>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PERROT, Michelle. **Os excluídos do historia, operários mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann. ed. 7. São Paulo. Paz & Terra, 2017.

PESTANA, Maria Inês Gomes de Sá. **Matrizes curriculares de referência para o SAEB**. ed. 2. rev. ampl. Brasília. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999.

RIBEIRO, Rebecca Maria Queiroga. **Tecnologias de gênero nas histórias a serem ensinadas**: representações de Joana d'Arc nos livros didáticos de história (PNLD 2018). 2020. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

RODRIGUES, Paulo Jorge *et al.* O trabalho feminino durante a revolução industrial. In: XII SEMANA DA MULHER: MULHERES, GÊNERO, VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO, 2015. São Paulo. **Anais**. São Paulo: UNESP, 2015.

SANTOS, Georgina. Papéis passados: a história das mulheres a partir da documentação arquivística. **Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: [http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5347&Itemid=460](http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5347&Itemid=460). Acesso em: 10 jun. 2021.

SEGGIARO, Felipe Balestrin. Mulheres no mercado de trabalho: análise das dificuldades de gênero enfrentadas pelas mulheres do século XXI. **Revista Metodista de Administração do Sul**. v. 2. n. 1, Rio Grande do Sul, 2017.

SESSÃO, Parlamentar. [1884]. 10 figura. In: ROSSI, Amanda; COSTA, Camilla. Muito além da princesa Isabel, 6 brasileiros que lutaram pelo fim da escravidão no Brasil. **BBCNEWS**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44091469>. Acesso em: 04 set. 2021.

SILVA Cristiani Bereta da. O saber histórico escolar sobre as mulheres e relações de gênero e relações de gênero nos livros didáticos de história. **Caderno Espaço Feminino**. v. 17. n. 01. jan./jul. 2007.

SOUZA, Alexandre Rodrigues de. Práticas e representações sobre a mulher amotinada na América Portuguesa. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, jul. 2011. **Anais**. São Paulo, 2011.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto; PEREIRA, Sidnéia Ribeiro. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista**. n. 2. p. 259-276, Curitiba, 2010.

## APÊNDICE A – Roteiro para análise de livros didáticos

### PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES - EFPH CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

#### ROTEIRO PARA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS

**Projeto: Análise do livro didático de História Sociedade e Cidadania de Alfredo Bolus 8º ano do ensino Fundamental. Aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).**  
Ludimila Neves De Castro – Discente de História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Dados bibliográficos do livro: Os dados bibliográficos no livro didático, História sociedade e cidadania 8º ano, tem uma vasta quantidade de material bibliográfico, sendo reservada as páginas 265 a 267 apenas para especificar tais bibliografias utilizadas.

Informações sobre os autores: Alfredo Boulos Júnior, Doutor em Educação (área de concentração: História da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Ciências (área de concentração: História Social) pela Universidade de São Paulo.

Lecionou na rede pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares. É autor de coleções paradidáticas. Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – São Paulo.

Abordagem teórico-metodológica: A abordagem escolhida pelo autor Alfredo Boulos é de extrema facilidade ao entendimento dos alunos, fazendo uso de linguagem de fácil compreensão e citando exemplos práticos, facilita o entendimento da obra para os alunos do ensino fundamental.

Critérios	Excelente	Bom	Regular	Ruim	Justificativa
4-Organização dos conteúdos	sim				O conteúdo do livro didático é subdividido em 8 capítulos, logo na 5ª página do livro já se é possível encontrar o sumário com todas as especificações do que será abordado em cada capítulo.
5-Introdução dos conteúdos	sim				Os conteúdos são introduzidos de maneira, que ao finalizar um capítulo/ tema, o autor já deixa um

					gatilho para o próximo.
6-Contextualização dos conteúdos	sim				Alfredo Boulos busca a todo momento, contextualizar alunos e professores, sobre em qual espaço e tempo se trata tal fato abordado.
7-Atividades didáticas propostas	sim				Ao final de cada capítulo se tem a chamada “revisão” proposta pelo autor, abordando e reafirmando o conteúdo que foi abordado naquele capítulo.
8-Linguagem e significação dos conteúdos		Sim			Digamos que a linguagem utilizada pelo autor é atual, porem alguns conceitos são de complexa interpretação, sendo assim necessário ao professor, realizar a transposição didática daquele tema.

### RECURSOS ICONOGRÁFICOS

Critérios	Excelente	Bom	Regular	Ruim	Justificativa
9-Relação entre as imagens e os temas Históricos	Sim				As imagens trazidas pelo autor de fato correlacionam ao conteúdo, em uma delas 2.3 O TRABALHO COM IMAGENS FIXAS o autor trabalha o conceito de imagens e o cuidado que os artistas possuem ao trabalhar com elas, o autor trás em seguida uma figura da Mona Lisa, pintura de Leonardo da Vinci, c. 1503-1505. ponderando todo o trabalho que Leonardo da Vinci teve ao criar a pintura.
9.1- Qualidade das imagens	Sim				Não roubam totalmente a atenção central do livro, estão em tamanhos ideais para serem trabalhadas.
9.2- Fotos, quadrinhos e outros			sim		O livro é composto por inúmeras fotografias, bem estruturadas e condizentes ao conteúdo trabalhado, porem senti a falta de mais tirinhas cômicas, para estarem sendo acrescentadas a alguns temas.

9.3-Imagens Femininas Localização no texto Título Representatividade negra feminina Reprodução de preconceitos		Sim		Já ao se tratar de representatividade feminina posso dizer que o livro é problemático, pois em todos os conteúdos abordados, e em seus 8 capítulos e mais de 320 páginas, somente se é sugerido uma narrativa dos fatos através da perspectiva feminina em 16 momentos pontuais, não apenas criticando o autor, mas ponderando o ocorrido, é extremamente desigual pensarmos que em vários momentos históricos que um livro didático do 8º ano do ensino fundamental poderia abordar, termos uma “tentativa” de olhar feminino dos fatos em alguns momentos pontuais. Essa é a crítica a qual venho desenvolvendo, as mulheres e crianças necessitam se verem representadas no ambiente escolar, essa representatividade gera, uma abertura a inúmeras possibilidades de desenvolvimento dessas alunas estudantes.
---	--	-----	--	--

### CATEGORIAS E/OU CONCEITOS HISTÓRICOS

10-Metologia da Historia	Sim	Não	Parcialmente	Justificativa
Visão da Área Presentismo				O presentismo em sala de aula é um fator que corrobora para as dificuldades encontradas por professores em sala de aula. Ao apresentar fatos históricos, o professor se vê em uma posição em que alguns alunos o contradizem, com alguma informação adquirida em telejornais ou familiar.
11-Apresentação do autor ao material do professor				O autor realiza uma apresentação abrangente aos alun/os, abordando a forma como o material foi elaborado, e em quais fontes se baseia, tal análise é fundamental para se interpretar o estilo de escrita do autor.
12-Apresenta esteriótipos: Políticos, Econômicos, Sociais, Históricos			x	No que desrespeito a esses estereótipos, pode-se dizer que O autor do livro didático realiza uma escrita influenciado pelo presente, ou seja ele utiliza-se de comparativos do tempo presente para nortear os fatos históricos em seus textos, mas nada fora da realidade, ou sendo tendencioso a alguma vertente ideológica.



Históricos				
13-Induz a preconceitos ideológicos		x		Definitivamente não, ao contrário, a todo momento a leitura do livro didático é contrária a pensamentos e ações preconceituosas, ele cita pontuais momentos em que o preconceito levou sociedades a verdadeiras barbáries.
14-As informações são fidedignas?	x			Sim, a todo momento o autor Alfredo Bolus busca, resguardar-se em fontes históricas e pesquisadores, para trazer seus temas.
15-Estimula à criatividade dos alunos?			x	Ao analisar o material, senti falta de mais informações e fatos históricos, que poderiam ser utilizados como “fatos curiosos” aos alunos, mas no geral na página de atividades ele desempenha essa instigação.
16-Estimula o exercício da cidadania?	x			Sim, busca sempre levar os alunos após a leitura de um determinado texto a pensamentos críticos.
17-Atende aos objetivos da escola e dos alunos?	x			Sim, inclusive no livro ao professor, ele referênciava no começo de cada capítulo, que o capítulo foi desenvolvido para atender às habilidades citadas na BNCC citas aquela serie que o aluno esta estudando.
18 -Apreciação final	Após a análise do livro didático de Alfredo Bolus, história e cidadania, voltado aos alunos do 8º ano do ensino fundamental, cheguei a conclusão de que, o autor busca sim atender a uma educação democrática, elencando assuntos pertinentes a serie de estudo dos alunos leitores de sua obra, apesar de ser um exemplo da falta de representatividade de figuras femininas no decorrer de sua obra, mas como anteriormente citado, a falta desta figuras nao se deve como fator de responsabilidade total do autor, mas sim um reflexo da história das mulheres, que estiveram presentes em todos os momentos significativos da historia mas tiveram sua luta apagada ou minimizada por demasiados fatores. Cabe a nós estudantes e professores, irmos sempre além das barreiras do livro didático, e referenciar em sala de aula essas mulheres tão brilhantes que auxiliaram na construção da história.			